

AS MODALIDADES VERIDICTÓRIAS E OS EFEITOS DE VERDADE E CUMPLICIDADE NA CRÔNICA “OS DOIS BONITOS E OS DOIS FEIOS”, DE RAQUEL DE QUEIROZ.

VERIDICTORY MODALITIES AND TRUTH EFFECTS AND COMPLICITY IN THE CHRONICLE “OS DOIS BONITOS E OS DOIS FEIOS”, BY RAQUEL DE QUEIROZ.

LES MODALITÉS VÉRIDICTOIRES ET LES EFFETS DE VÉRITÉ ET DE COMPLICITÉ DANS LA CHRONIQUE “LES DEUX BELLES ET LES DEUX LAIDES”, DE RAQUEL DE QUEIROZ.

Emerson Tiogo da Silva

SED/MS

ehiago@yahoo.com.br

Resumo: O modo como o texto se organiza, dispendo os fatos apresentados ao leitor, orienta a apreensão dos sentidos nele construídos; nesse viés, a escolha pelo tipo de narrador passa sempre por uma intencionalidade discursiva mediada pela enunciação. Partindo desse pressuposto, buscaremos, neste trabalho, compreender como as projeções enunciativas contribuem para a obtenção de efeitos de verdade e cumplicidade na crônica “Os dois bonitos e os dois feios”, de Raquel de Queiroz. Por considerar que as projeções enunciativas indicam modos de presença do enunciador, adotaremos como instrumental teórico os elementos da sintaxe e da semântica propostos pela semiótica discursiva por meio da descrição e análise dos modos de organização textual dos mecanismos de debreagem e embreagem, assim como pelas relações estabelecidas entre as categorias de pessoa, tempo, espaço e os percursos figurativo e temático no texto, conforme assinala Fiorin (2016); também nos interessa, em consonância com Bertrand (2003), analisar questões em torno do ponto de vista e das posições enunciativas. De posse desse inventário, verificaremos como procedimentos sintáticos se revestem semanticamente, de modo a produzir os efeitos de verdade e cumplicidade. Defendemos a hipótese de que as projeções enunciativas presentes no texto indicam um ponto de vista orientado pela cumplicidade entre enunciador e enunciatário, visto que se constrói a partir de uma “verdade” posta pelo enunciador sobre a qual o enunciatário é frequentemente convidado a manifestar-se; assim, a narrativa constitui-se como exemplo que justifica o posicionamento discursivo defendido pelo enunciador, ou seja, como forma de consolidar o próprio discurso.

Palavras-chave: Semiótica, Enunciação, cumplicidade.

Abstract: The way a text is structures, laying out the facts presented to the reader, guides the apprehension of the meanings constructed in it; in this bias, choosing the narrator type always involves a discursive intentionality mediated by enunciation. Based on this assumption, we will seek, in this paper, to understand how enunciative projections contribute to obtaining truth effects and complicity in the chronicle “Os dois bonitos e os dois feios”, by Raquel de Queiroz. Considering that enunciative projections indicate the enunciator’s

modes of presence, we will adopt as a theoretical instrument the elements of syntax and semantics proposed by discursive semiotics through the description and analysis of the modes of textual organization of the shift in and shift out switches, as well as the relations established between the categories of person, time, space and figurative and thematic paths in the text, as Fiorin (2016) points out; we are also interested, in line with Bertrand (2003), in analyzing issues around the point of view and enunciative positions. With this inventory in hand, we will verify how syntactic procedures are semantically covered, in order to produce truth effects and complicity. We defend the hypothesis that the enunciative projections present in the text indicate a point of view guided by the complicity between the enunciator and the enunciatee, since it is built from a “truth” posed by the enunciator about which the enunciatee is frequently invited to express himself/herself. ; thus, the narrative constitutes an example that justifies the discursive position defended by the enunciator, that is, as a way of consolidating the discourse itself.

Keywords: Semiotics, Enunciation, complicity.

Résumé: La manière dont le texte est organisé, en agençant les faits présentés au lecteur, guide l’appréhension des significations qui y sont construites ; ainsi, le choix du type de narrateur passe toujours par une intentionnalité discursive médiatisée par l’énonciation. Partant de cette hypothèse, nous chercherons, dans ce travail, à comprendre comment les projections énonciatives contribuent à la réalisation des effets de vérité et de complicité dans la chronique “Os dois bonitos e os dois feios”, de Raquel de Queiroz. Considérant que les projections énonciatives indiquent des modes de présence de l’énonciateur, nous adopterons comme instrument théorique les éléments de syntaxe et de sémantique proposés par la sémiotique discursive à travers la description et l’analyse des modes d’organisation textuelle des mécanismes de débrayage et d’embrayage, ainsi que des relations établies entre les catégories de personne, de temps, d’espace et les parcours figuratifs et thématiques dans le texte, comme le souligne Fiorin (2016) ; nous nous intéressons également, dans la lignée de Bertrand (2003), à l’analyse des questions relatives au point de vue et aux positions énonciatives. Avec cet inventaire, nous vérifierons comment les procédures syntaxiques sont sémantiquement enrobées pour produire les effets de vérité et de complicité. Nous défendons l’hypothèse que les projections énonciatives présentes dans le texte indiquent un point de vue orienté par la complicité entre énonciateur et énonciataire, puisqu’il est construit à partir d’une “vérité” posée par l’énonciateur sur laquelle l’énonciataire est souvent invité à se manifester ; ainsi, le récit se constitue comme un exemple qui justifie la position discursive défendue par l’énonciateur, c’est-à-dire comme une manière de consolider le discours lui-même.

Mots-clés: sémiotique, énonciation, complicité.

1. Introdução

O gênero crônica, tradicionalmente, caracteriza-se por abordar temáticas do cotidiano, em cuja gênese, estão fatos corriqueiros como os enlacs amorosos e a política trazidos ao enunciatário por meio de um olhar atento, perspicaz e questionador do cronista/enunciador que,

sobre eles, expõe um ponto de vista. Ao mesmo tempo, propõe-se a suscitar no leitor/enunciário reflexões acerca desses mesmos fatos.

Na crônica “Os dois bonitos e os dois feios”, Raquel de Queiroz relata os encontros e desencontros dos enlaces amorosos. Como antecipa o título, são dois casais em que o bonito se casa com a bonita e o feio com a feia, ou, nas palavras da autora, “cada um com a sua igualha”. Embora não saiba afirmar quais são as razões do amor, a cronista contesta a escolha, visto que “o costume é os feios amarem os belos e os belos se deixarem amar”.

Na contestação que elabora, a cronista expõe seu ponto de vista sobre o fato. Para isso, adota, como verdadeiras, generalizações como a que encerra o parágrafo acima em que os feios amam os belos e os belos se deixam amar, contrapondo-o a exemplos como belos amarem os feios e os feios se deixarem amar. Na perspectiva da semiótica discursiva, essa afirmação colocaria a “beleza” como objeto de valor a ser perseguido/conquistado pelo sujeito “feio”, que deve buscar a conjunção com esse objeto.

Pode-se afirmar que o texto apresenta uma estrutura típica das crônicas ditas argumentativas, cujo fio persuasivo se constrói sob o modelo canônico: tese, desenvolvimento e conclusão. A tese é evidenciada já no primeiro parágrafo quando diz que “tudo parece estar certo e segundo a vontade de Deus, mas é um engano”, conforme transcrito a seguir.

Nunca se sabe direito a razão de um amor. Contudo, a mais frequente é a beleza. Quero dizer, o costume é os feios amarem os belos e os belos se deixarem amar. *Mas acontece que às vezes o bonito ama o bonito e o feio o feio, e tudo parece estar certo e segundo a vontade de Deus, mas é um engano.* (QUEIROZ apud SANTOS, 2007, p. 120)

A tese da cronista coloca o acontecimento “o bonito ama o bonito e o feio o feio” no campo da mentira, da falsidade. O desenvolvimento da tese se dá por meio de um caso específico, um exemplo:

O caso que vou contar é um exemplo: trata de dois feios e dois bonitos que se amavam cada um com o seu igual. E, se os dois bonitos se estimavam, os feios se amavam muito, quero dizer, *o feio adorava a feia, como se ela é que fosse a linda.* (QUEIROZ apud SANTOS, 2007, p. 120)

Observe-se que o fragmento “o feio adorava a feia, como se ela é que fosse a linda” reitera a beleza como objeto de valor para o enunciador que, no desenvolvimento do texto, buscará a concordância do enunciatário, invocando-o a manifestar-se ora sobre fatos alheios ora sobre si mesmos, conforme veremos no tópico seguinte ao analisarmos o percurso figurativo da crônica.

2. Percurso figurativo

O percurso figurativo da crônica traz como personagens/actantes duas primas, a feia e a bonita, e dois vaqueiros, o feio e o bonito e desenvolve-se predominantemente em ambiente típico da zona rural (Campo, fazenda). Sua estrutura narrativa divide-se em três fases: 1^a) ponto de vista do enunciador e descrição das personagens; 2^a) o conflito e a incerteza; 3^a) confirmação do ponto de vista.

A descrição das personagens situa em campos antagônicos o belo e o feio, de modo que, para a bonita, a paixão manifesta pelo marido (vaqueiro bonito) lhe soa como algo natural. Por outro lado, a feia, como forma de “descontar a ingratidão da natureza”, buscava agradar e fazer-se simpática. Com isso, o bonito deixou a bonita para “rondar a casa da outra” (feia).

A busca do bonito pela feia gera o conflito. Enquanto a bonita desprezada arranja-se com um bodegueiro e segue seu destino, o feio alimenta-se do ciúme e do desejo de vingança, passando a vigiar sua esposa e o vaqueiro bonito, ficando cada dia “mais desesperado”, o que, numa perspectiva semiótica, indica maior gradação na intensidade do ciúme.

O comportamento dessa personagem, sentimento de vingança, corrobora com a tese inicial do enunciador de que o casamento entre dois bonitos e dois feios não era da vontade de Deus. Prova disso é que se havia armado uma intriga, visto que os vaqueiros eram amigos, trabalhavam juntos e nenhum deles demonstrava interesse em deixar o lugar para seu algoz.

O conflito se intensifica quando a feia diz ao amante que o marido lhe havia jurado de morte. Nesse momento, o enunciador põe em dúvida a veracidade de tal informação, visto que a feia poderia ter afirmado isso apenas para sentir-se ainda mais desejada, provocar ciúmes ao amante. No entanto, um pouco mais adiante, o enunciador afirma que “as juras eram verdadeiras. O feio jurara de morte o bonito e não só de boca para fora, na presença da amada, mas nas noites de insônia, no escuro do quarto, sozinho no ódio do seu coração” (QUEIROZ apud SANTOS, 2007, p. 123). Para a semiótica, os fatos encontram-se no campo do segredo, pois há um arranjo da ordem do ‘que é mas não parece’.

A última fase do percurso figurativo organiza-se a partir do propósito de vingança, em como fazer/fazer. Aqui, colocam-se em evidência as ações e pensamentos do vaqueiro feio sobre como concretizar a morte. Plano que, embora bem articulado, “não deu certo. Isto é, deu certo do começo ao fim”, visto que foi sancionado negativamente pelo vaqueiro bonito. Este percebera a intenção do outro e conseguiu livrar-se da armadilha. Em seguida, movido por uma manipulação, mata-o, desferindo-lhe três golpes na testa com um tronco de imburana. Por fim, coloca o vaqueiro morto sobre o próprio cavalo e retorna “à fazenda, com o companheiro morto à sela do seu próprio cavalo, ele à garupa, segurando-o com o braço direito, abraçado como um irmão”.

Até aqui, abordamos aspectos gerais da figuratividade e os revestimentos semânticos trazidos por ela à tese defendida pelo enunciador. No tópico seguinte, trataremos das projeções enunciativas e suas relações para o efeito de verdade.

3. Projeções enunciativas

“Se esta história fosse inventada poderia dizer que ele, se vendo traído, virou-se para a bonita e tudo se consertou.” (QUEIROZ apud SANTOS, 2007, p. 121). O fragmento que inicia este parágrafo consta da crônica em análise. Sua presença aqui remete ao fato de em textos persuasivos, em que se pretende defender uma tese, a verdade ou o parecer verdadeiro torna-se imprescindível. Para isso, é relevante verificar como estão projetadas no enunciado as marcas da enunciação.

A esse respeito, Fiorin (2016), fundamentando-se nos estudos da enunciação desenvolvidos principalmente por Emile Benveniste, realiza profundo estudo sobre categorias de pessoa, espaço e tempo projetadas no enunciado, bem como os respectivos efeitos no discurso. Para esse autor, a enunciação “é a enunciação enunciada, isto é, marcas e traços que a enunciação propriamente dita deixou no enunciado” (FIORIN, 2016, p. 33).

Um ato enunciativo pressupõe a figura do enunciador e a do enunciatário. No caso de textos persuasivos, cabe àquele o fazer/crer e a este, pode-se dizer, um querer/crer. Ao manifestar-se discursivamente, o enunciador recorre a estratégias diversas a fim de que seu discurso pareça verdadeiro e, conseqüentemente, tenha adesão por parte do enunciatário.

Na crônica em análise, observa-se a projeção das três categorias enunciativas (pessoa, espaço e tempo), por meio de: enunciação enunciada, invocações ao enunciatário e enunciado enunciado.

3.1. Enunciação enunciada

A enunciação enunciada manifesta-se por meio do processo de debreagem em 1ª instância, na qual o enunciador delega voz ao narrador, conforme se verifica nos seguintes fragmentos:

“O caso que *vou* contar...”

“Aliás, *falei* ...”

“... nunca *vi* vaqueiro gordo.”

“Os dois heróis da *minha* história...”

Nos fragmentos, as marcas enunciativas se fazem presentes nos pronomes e tempos e modos verbais em 1ª pessoa. A relação entre as categorias de pessoa e tempo atualizam o momento da enunciação, trazendo-o para o agora.

No que tange ao enunciatário, o enunciador insere-o no contexto narrativo ao invocá-lo de tempo em tempo no decorrer da crônica, colocando-o em situações semelhantes às vivenciadas pelas personagens, ou ao próprio enunciador, como ocorre nos trechos a seguir:

Vocês já viram um vaqueiro encourado?

“... o que seria de *nós*, as feiosas?”

“*Seria verdade?* Quem sabe as coisas que é capaz de inventar uma mulher feia improvisada em bonita pelo amor de dois homens, querendo que o seu amor renda os jurois mais altos de paixão?”

“Meu Deus, e ele não era homem de briga, *já não disse?*”

3.2. Do espaço

A categoria do espaço indica o lugar da enunciação. Na crônica em análise, as marcas dessa categoria remetem ao espaço do enunciado enunciado ou da enunciação reportada. No primeiro caso, o espaço é marcado pela fala do narrador; no segundo, pelas falas das personagens por meio do discurso direto.

- Marcas da categoria espaço no enunciado enunciado:

“Deu para rondar *a casa da outra...*”

“... eram campeiros *da mesma fazenda...*”

“... no dia seguinte se encaminharam pela *vereda*, perseguindo um novilhote...”

“Chegou à *fazenda...*”

- Marcas da categoria espaço na enunciação reportada:

“... ao conversar *na janela* com o seu bonito que *lá* viera furtivo, colheu um cravo desabrochado no craveiro plantado numa panela de barro e posto numa forquilha bem encostada à janela (era uma das partes dela, ter todos esses dengues de mulher bonita) e enquanto o moço cheirava o cravo, ela entrefechou os olhos e lhe disse baixinho:”

(QUEIROZ apud SANTOS, 2007, p. 122)

3.3. Do tempo

A categoria do tempo marca não só a concomitância e a não concomitância em relação à enunciação enunciada (anterioridade/posterioridade ao ato enunciativo), como também aspectos pontuais, início de transformações, o presente omnitemporal ou mesmo a enunciação reportada, quando da atualização do já-dito. Vejamos alguns exemplos:

- Concomitância da enunciação enunciada:

O caso que *vou contar* é um exemplo

A concomitância com a enunciação enunciada marca o momento exato em que ocorre a interação entre enunciador e enunciatário. No exemplo acima, pode-se depreender como o início do ato comunicativo expresso pela locução verbal “*vou contar*”.

- Aspecto pontual/ início de transformações/ presente omnitemporal/ não concomitância (anterioridade):

De repente, não se sabe como, houve uma alteração.

Nesse exemplo, a não concomitância (anterioridade) está expressa na forma verbal “Houve”, enquanto a forma “sabe” denota o presente omnitemporal, pois se atualiza a cada nova enunciação; já a expressão “de repente” indica um momento único em que a história sofre uma transformação: o bonito apaixona-se pela feia e abandona a bonita, com quem havia casado.

- Aspecto pontual / concomitância (enunciação reportada):

“... quando a feia, certa noite...”

- Não concomitância (anterioridade):

Assim, *ficaram* em jogo só os três.

Assim *estava* a intriga armada.

Bem, as juras *eram* verdadeiras.

Mas não *deu* certo. Isto é, *deu* certo do começo ao fim

Chegou à fazenda, com o companheiro morto à sela do seu próprio cavalo...

Ninguém *duvidou* do acidente.

4. Dos juízos de valor e os efeitos de verdade e de cumplicidade

No diálogo que estabelece com o enunciatário, o enunciador faz uso de um nós inclusivo ao emitir juízos de valor, transferindo àquele as visões e valores que ele próprio tem dos fatos vivenciados no mundo natural. Com isso, procura-se criar um vínculo de cumplicidade entre eles, visto que compartilham dos mesmos saberes e vivências, não havendo margem para o contraditório, como se vê nestes fragmentos:

“Enquanto a pobre da feia *todos* sabem como é...”

“... *nós mulheres* estamos habituadas a pensar que todo homem valente é bonito...”

Para além da cumplicidade, o emprego de juízos de valor proporciona o efeito de subjetividade, o que se pode constatar no uso de advérbios, adjetivos e expressões positivas acerca do objeto descrito, como nestes exemplos:

“É um traje *extraordinariamente romântico*...”

“... no corpo de um homem e delgado, *faz milagres*.”

“...o gibão amplo que *mais acentua a esbelteza* do homem...”

“... era, pelo menos, a sua edição *mais grosseira*.”

“... na segunda se tornava *feiúra sonsa*.”

Não só os juízos de valor, mas também o discurso reportado pode criar “diferentes efeitos de sentido, como objetividade, de subjetividade, de realidade” (FIORIN, 2016, p. 35). Por meio dele, o enunciador retoma os atos de fala próprios da enunciação em 2ª instância, em que se delega voz às personagens, ou seja, os locutores do discurso. Essa estratégia atualiza o acontecimento e causa o efeito de sentido de verdade, como nos exemplos que seguem:

Feia

— Você sabe que o outro já lhe jurou de morte?

Feio

Será que aquele idiota esperava laçar o boi, a tal distância?

Bonito

— Pensou que me matava, seu cachorro... Açoitou o cavalo de propósito, crente que eu rebentava a cabeça no pau... Um de nós dois tinha de morrer, não era? Pois á assim mesmo... um de nós dois vai morrer.

(QUEIROZ apud SANTOS, 2007, p. 124)

Um outro exemplo de discurso reportado é o indireto livre que, no texto, mostra o modo de ser psicológico da personagem:

Só conseguia dormir quando já estava com o cadáver defronte dos olhos, bonito e branco, ah, bonito não, pois, quando o matava em sonhos, a primeira coisa que fazia era estragar aquela cara de calunga de loiça, pondo-a de tal modo feia que até os bichos da cova tivessem nojo dela. Mas como fazer? Não poderia começar a brigar, matá-lo, sem quê nem mais. Hoje em dia justiça piorou muito, não há patrão que proteja cabra que faz uma morte, nem a fuga é fácil, com tanto telégrafo, avião, automóvel. E de que servia matar, tendo depois que penar na prisão? Assim, quem acabaria pagando o malfeito haveria de ser ele mesmo. [...] Atacá-lo no mato e contar que fora uma onça... Qual, cadê onça que atacasse vaqueiro em pleno dia? E a chifrada de um touro? Difícil, porque teria que apresentar o touro, na hora e no lugar...

(QUEIROZ apud SANTOS, 2007, p. 123)

O uso do discurso reportado, nesses exemplos, cria o efeito de realidade, pois corrobora a veridicção dos fatos narrados ao confirmar o enunciado: “Se esta história fosse inventada poderia dizer que ele, se vendo traído, virou-se para a bonita e tudo se consertou.”

5. O parecer verdadeiro: efeitos de realidade e verdade

A eficácia de um discurso depende não só do fazer persuasivo do enunciador, mas sobretudo do fazer interpretativo do enunciatário. Nessa perspectiva, as estratégias argumentativas utilizadas pelo primeiro, como demonstrações e comparações, devem levar o segundo a uma identificação com o enunciado enunciado, de modo que o reconheça como verdadeiro. A esse propósito, Greimas (2014, p. 131) afirma que o “re-conhecimento é uma operação de entre aquilo que se propõe (...) e aquilo que já se sabe ou em que se crê.”

Nesse sentido, ao construir o percurso figurativo da crônica, o enunciador se vale de conhecimentos considerados por ele como universais e que, ao serem mobilizados discursivamente, são colocados como conhecimento prévio do próprio enunciatário, estabelecendo entre si uma relação fiduciária, pautada na confiança e em suas vivências, como se verifica em fragmentos como “... benza-os Deus por isso, senão o que seria de *nós*, as feiosas?” ou em “... *todos* sabem como é...” ou ainda “... *nós* mulheres estamos habituadas...”. O emprego de *debreagens* enunciativas e enuncivas remete a dois aspectos relevantes: 1º) um nós inclusivo que engloba o *eu* e o *tu* da enunciação, ou seja, enunciador e enunciatário; 2º) um conhecimento universalmente disseminado, marcado pelo uso do pronome indefinido *todos*. Ao fazer uso desse recurso, o enunciador atribui ao discurso um caráter objetivante com efeito de realidade, de verdade.

Ainda sobre o fazer interpretativo, que pressupõe um fazer crer, Greimas afirma que o reconhecimento do discurso como verdade implica antes admiti-lo como possível. Na perspectiva do quadrado semiótico, tem-se então um percurso que parte da recusa à admissão e, por fim, à afirmação (reconhecimento como verdade). No texto em análise, o enunciador adota como estratégia persuasiva a cumplicidade/complacência do enunciatário. A enunciação denota uma situação comunicativa informal, típica dos atos conversacionais. Por isso, os frequentes questionamentos, que marcam o presente omnitemporal, o “agora” sempre atualizado.

Na perspectiva do quadrado semiótico, o contrato de veridicção entre enunciador e enunciatário se constrói numa relação fiduciária construída em um percurso inicial no não-parecer/não-ser (Mas acontece que às vezes o bonito ama o bonito e o feio o feio, e tudo parece estar certo e segundo a vontade de Deus, mas é um engano.), ou seja, definido como falsidade; seguido não-parecer/ser (De repente, não se sabe como, houve uma alteração.), o segredo; e por fim a comprovação da tese (Mas não deu certo. Isto é, deu certo do começo ao fim), ou seja, a afirmação de que aquele casamento estaria certo e segundo a vontade de Deus era falsa. Com isso, tem-se o ser/parecer, a verdade.

6. Considerações finais

A análise nos permitiu depreender da crônica que o efeito de cumplicidade se constitui como estratégia persuasiva do enunciador no intuito de fazer crer o enunciatário. A cumplicidade

é então regida pelas debreagens enunciativas e enuncivas, as quais criam um efeito de realidade, ao simularem situações típicas do mundo natural.

As projeções enunciativas marcadas pelas categorias de pessoa, tempo e espaço atribuem ao enunciatório uma corresponsabilidade sobre o dizer, visto que ao delegar-lhe voz, o enunciador procura demonstrar que compartilham da mesma visão de mundo, com o emprego de expressões inclusivas como “nós” e “todos”.

Por fim, as debreagens de 2ª instância, aquelas em que o enunciador delega voz às personagens, o enunciado enunciado, contribui para a construção da “verdade” citada na enunciação enunciada.

7. Referências

- BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. São Paulo: Editora Edusc, 2003.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. 3ª ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II: ensaios semióticos**. Trad. Dilson Ferreira da Cruz. 1. ed. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.
- QUEIROZ, Raquel de. **Os dois bonitos e os dois feios**. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **As cem melhores crônicas brasileiras**. 1ª ed. 18ª reimpressão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007, pp. 120 – 125.